

## Nove poemas de juventude de Pier Paolo Pasolini

Tradução e nota de Lucas Bertolo\*

Vemos nestes versos escritos entre 1944 e 1953 os esboços de uma poética duplamente marginal — o tempo da poesia do jovem Pasolini é o tempo da lembrança, da memória, da “força do passado”; o espaço, da paisagem campestre friulana, passa às periferias da Itália do pós-guerra. Uma poesia que recusa os centros da sociedade de consumo, e os seus signos, e o tempo morto do trabalho alienado, vai buscar uma inusitada afinidade entre a memória da monotonia infantil e a potência subversiva das periferias italianas, onde *recomeça, hostil, recomeça mil vezes, a cidade*. A sobreposição entre a nostalgia e as visões atrozes do mundo excluído, *no falso silêncio que se adensa*, conta uma história sobre as carniças que apodrecem a céu aberto, sobre certa violência própria ao capitalismo tardio: a desumanização em escala global, as cinzas nos olhos dos garotos. A primeira poesia de Pier Paolo Pasolini, no deslocamento espaço-temporal, faz a crítica da sociedade presente: o lugar periférico e a posição marginal (do homossexual, por exemplo) aparecem como condições à crítica da sociedade de consumo italiana da segunda metade do século XX.

---

\* Tradutor formado em Filosofia pela UNIFESP.

## 1- Sexo, consolação da miséria

Sexo, consolação da miséria!  
A puta é rainha, e o seu trono  
uma ruína, sua terra um naco  
de várzea cagada, seu cetro,  
bolsinha de couro vermelha:  
ela late na noite, suja e feroz  
como uma mãe anciã: defende  
as suas posses e a sua vida.  
Cafetões ao redor, em bando,  
surrados, inchados, com seus  
bigodes eslavos ou de Brindisi,  
são chefes, soberanos, firmando  
no breu transações de cem liras,  
piscando em silêncio, trocando  
palavras de ordem: e o mundo,  
excluído, cala-se ao redor deles,  
que dele excluíram a si mesmos,  
silenciosas carcaças de predadores.

Mas no lixo do mundo nasce  
um novo mundo: nascem novas  
leis onde não há mais lei,  
nasce uma nova honra,  
onde a honra é a desonra...  
Um poder e uma nobreza ferozes  
nascem nos barracos amontoados,  
nas zonas infindas onde se crê que  
a cidade termina, e onde, ao invés,  
recomeça, hostil, recomeça mil vezes,  
com pontes, labirintos e canteiros de obras,  
por trás da tormenta de arranha-céus,  
que encobre horizontes inteiros.

Na facilidade do amor  
o miserável se sente homem:  
forja a fé na vida, e termina  
por desprezar quem tem outra vida.  
Os filhos se jogam na aventura  
seguros de estarem em um mundo  
que tem medo deles e do seu sexo.  
Sua piedade está em serem impiedosos,  
a sua força está em sua leveza,  
a sua esperança, em não ter esperança.

## Sesso, consolazione della miseria

Sesso, consolazione della miseria!

La puttana è una regina, il suo trono  
è un rudere, la sua terra un pezzo  
di merdoso prato, il suo scettro  
una borsetta di vernice rossa:  
abbaia nella notte, sporca e feroce  
come un'antica madre: difende  
il suo possesso e la sua vita.

I magnaccia, attorno, a frotte,  
gonfi e sbattuti, coi loro baffi  
brindisi o slavi, sono  
capi, reggenti: combinano  
nel buio, i loro affari di cento lire,  
ammiccando in silenzio, scambiandosi  
parole d'ordine: il mondo, escluso, tace  
intorno a loro, che se ne sono esclusi,  
silenziose carogne di rapaci.

Ma nei rifiuti del mondo, nasce  
un nuovo mondo: nascono leggi nuove  
dove non c'è più legge; nasce un nuovo  
onore dove onore è il disonore...

Nascono potenze e nobiltà,  
feroci, nei mucchi di tuguri,  
nei luoghi sconfinati dove credi  
che la città finisca, e dove invece  
ricomincia, nemica, ricomincia  
per migliaia di volte, con ponti  
e labirinti, cantieri e sterri,  
dietro mareggiate di grattacieli,  
che coprono interi orizzonti.

Nella facilità dell'amore  
il miserabile si sente uomo:  
fonda la fiducia nella vita, fino  
a disprezzare chi ha altra vita.  
I figli si gettano all'avventura  
sicuri d'essere in un mondo  
che di loro, del loro sesso, ha paura.  
La loro pietà è nell'essere spietati,  
la loro forza nella leggerezza,  
la loro speranza nel non avere speranza.

## 2- Versos do jovem Pasolini (1949-1950)

Adulto? Nunca — como a existência  
que não matura — fica sempre acerba,  
de dia esplêndido em dia esplêndido —  
não posso senão seguir fiel  
à estupenda monotonia do mistério.  
Eis por que, na felicidade,  
não me sou abandonado — eis aí  
por que, na ânsia dos meus desvios,  
nunca atingi o remorso verdadeiro.  
Sempre parelho ao inexpresso,  
na origem do que eu sou.

Adulto? Mai — mai, come l'esistenza  
che non matura — resta sempre acerba,  
di splendido giorno in splendido giorno —  
io non posso che restare fedele  
alla stupenda monotonia del mistero.  
Ecco perché, nella felicità,  
non mi sono abbandonato — ecco  
perché nell'ansia delle mie colpe  
non ho mai toccato un rimorso vero.  
Pari, sempre pari con l'inespresso,  
all'origine di quello io sono.

### 3- Haikais dos remorsos

A insônia é um lobo, uma crosta,  
uma impaciência nua na luz elétrica,  
um hospital onde se reúnem  
os pais do defunto.

A carniça tem dentes expostos  
ao sol: fede como uma mortalha,  
e jaz sobre a minha cama.

A liberdade, imunda e suada  
deambula nos silêncios crus  
do meu quarto: uma necrópole  
queima nos meus pés descalços.

Bela palavra, dignidade,  
os ruídos cospem no meu quarto,  
no coração da velha noite,  
os farrapos das tuas roupas.

Num lago de sangue, a noite de verão.  
A febre salta pelas veias.  
Descontente com minha vida,  
eu poderia me praguejar.

Os garotos são visões atrozés  
de mortos; onde está a inocência?  
onde está a sedução neles?  
Eles têm olhos cheios de cinzas.

Olhos ternos... uma pedra  
está entre nós.



## Haikai dei rimorsi

L'insomnia è un lupo, una crosta,  
un'impazienza nuda nella luce elettrica,  
un ospedale ove sostano  
i parenti del morto.

La carogna ha i denti scoperti  
al sole : la sua puzza un sudario.  
Giace sul mio letto.

La libertà sporca e sudata  
sbanda nel silenzi crudi  
della mia stanza : un sepolcreto  
che brucia nei miei piedi nudi.

Belle parole, dignità,  
i rumori sputano nella mia stanza,  
nel cuore della vecchia notte,  
i brandelli delle vostre vesti.

In un lago di sangue la notte estiva.  
La febbre salta nelle vene.  
Sono scontento della mia vita.  
Potrei maledirmi.

I fanciulli sono visioni atroci  
di morti; dov'è la loro innocenza ?  
dove sono le loro seduzioni ?  
Hanno gli occhi pieni di cenere.

Occhi soavi... Una pietra  
è tra di noi.

#### 4- Versos póstumos

E me espantei que a indiferença  
fosse tão parecida com a angústia.  
Havia uma mesma candura em crer  
e em não crer. Teria eu nunca  
mudado? Se, impensado por mim, Tu  
nada podes fazer em mim? E eu não posso  
fazer nada que torne humana a minha vida?  
Posso ao menos esperar que, na variedade  
do Teu ser, o meu ser único,  
a mim mesmo inútil, Te seja necessário?

É preciso queimar para chegar  
consumidos ao último fogo.

Eu me perco, os olhos cheios do mundo  
para o qual eu tenho apenas uma sensual  
nostalgia. Era o destino  
que eu me perdesse, e eu me perdi:  
mas quantos estão no mundo, porque  
outros não estão! *Para nos redimir, Cristo  
não foi inocente, mas diferente.*

O conhecimento está na nostalgia.  
Quem não está perdido não possui.

E mi stupivo che l'indifferenza  
fosse così simile all'angoscia.  
Uno stesso candore era nel credere  
e nel non credere. Non mi sono mai  
mutato ? Se da me non pensato, Tu  
in me non puoi nulla ? E io non posso  
nulla per fare umana la mia vita ?  
Posso almeno sperare che nel vario  
Tuo essere, il mio essere unico  
a me inutile a Te sia necessario ?

Bisogna bruciare per arrivare  
consumati all'ultimo fuoco.

Mi perdo con l'occhio pieno del mondo  
per cui ho solo una sensuale  
nostalgia. Era destino  
che mi perdessi, e mi sono perso :  
ma quanti sono nel mondo, perché  
altri non ci sono! *Per redimerci Cristo  
non è stato innocente, ma diverso.*

La conoscenza è nella nostalgia.  
Chi non si è perso non possiede.

1951-1952

## 5- Sonetos primaveris

Escritos no ano de 1953, e publicados em “All’insegna del Pesce d’Oro”, Scheiwiller, 1960.

I

No falso silêncio que se adensa  
nos campos e periferias, pesa  
o murmúrio das noites primaveris  
quando suave a atmosfera propaga  
pelas janelas abertas, acessos, pátios,  
os sons domésticos, e os alegres  
ecos de ruas populares. Mas abril  
está longe: e neste vazio, carregados  
de um sentido de morte estão os sinais  
que deveriam reanimar a vida.  
Este é um retorno; e nos serenos faróis,  
nos já tépidos espaços, é encerrada  
uma forma do nosso existir, e o início  
de uma nova não há, se o tremor for vício.

Nel falso silenzio che si addensa  
per le campagne e le borgate, grava  
il busio delle sere primaverili  
quando soave l'atmosfera propaga  
da finestre aperte, anditi, cortili,  
i suoni domestici, e gli allegri  
echi di strade popolari. Ma aprile  
è lontano: e in questo vuoto, gravi  
d'un senso di morte sono i segni  
che dovrebbero rallegrare la vita.  
È un ritorno, questo; e nei sereni  
fari, nei già tiepidi spazi è finita  
una forma del nostro esistere, e inizio  
non ne ha una nuova, se tremarne è vizio.

## 6- [sem título]

Um tédio, uma fúria (não à toa  
sofri uma adolescência inteira)  
com suor me banham na alvorada,  
e acordo cansado.

Essa é a manhã da vida; dias,  
ânsias, gestos, cantos, tudo maçante,  
e cá estou, no ponto onde o mesmo  
corpo me é ignoto.

O passado me vence; me torna vão  
(tantos sonhos que, por um momento,  
pareciam doces, e, por terem passado,  
jogo distante)

Ai, também me faz vão a suave feição  
do rapazote cuja alvorada nas pupilas  
me desperta, e com a velha luz até isso  
me parece um mal.

Una noia, una furia (non per nulla  
ho sofferto un'intera adolescenza)  
col sudore mi bagnano nell'alba,  
sveglio a fatica.

Questo è mattino della vita; giorni,  
ansie, gesti, canti, tutto smorto,  
eccomi ora a punto in cui lo stesso  
corpo mi è ignoto.

Il passato mi vince; mi fanno vano  
(con tanti sogni parsi per un poco  
ben dolci, e, sol per essere passati,  
lontano gioco)

ahi mi fa vano anche il soave aspetto  
del giovinetto che l'alba alle pupille  
mi desta, e con la vecchia luce anch'esso  
mi pare un male.

Canzonieri per T. (1945-1946)

## 7- Trabalho o dia todo...

Trabalho o dia todo como um monge  
e à noite vago, como um gato de rua  
em busca de amor... Vou propor  
à Igreja que me façam santo.  
Respondo, com efeito, à mistificação  
com suavidade. Vejo com o olho  
de uma câmera trabalhadores linchados.  
Observo o meu massacre com a serena  
coragem de um cientista.  
Pareço sentir ódio, mas, às vezes,  
escrevo versos cheios de pontual amor.  
Estudo a perfídia como a um fenômeno fatal,  
quase como se não fosse seu objeto.  
Tenho piedade dos jovens fascistas,  
e dos velhos, que considero formas  
do mais horrível mal, e a eles oponho  
apenas a violência da razão.  
Passivo como um pássaro que tudo vê,  
voando, e que carrega no coração,  
voando no céu, a consciência  
que não perdoa.



## Lavoro tutto il giorno...

Lavoro tutto il giorno come un monaco  
e la notte in giro, come un gattaccio  
in cerca d'amore... Farò proposta  
alla Curia d'esser fatto santo.  
Rispondo infatti alla mistificazione  
con la mitezza. Guardo con l'occhio  
d'un'immagine gli addetti al linciaggio.  
Osservo me stesso massacrato col sereno  
coraggio d'uno scenziato. Sembro  
provare odio, e invece scrivo  
dei versi pieni di puntuale amore.  
Studio la perfidia come un fenomeno  
fatale, quasi non ne fossi oggetto.  
Ho pietà per i giovani fascisti,  
e ai vecchi, che considero forme  
del più orribile male, oppongo  
solo la violenza della ragione.  
Passivo come un uccello che vede  
tutto, volando, e si porta in cuore  
nel volo in cielo la coscienza  
che non perdona.

## 8- [sem título]

Seria muito fácil desvelar  
esta luz ou esta sombra... Uma palavra:  
e a existência, que em mim existe sozinha  
sob as vozes que todo homem inventa  
para avizinhar-se da verdade  
fugidia, seria expressa, enfim.  
Mas essa palavra não existe.  
Se todavia escuto nos ruídos  
que saem do bairro um som mais  
claro — ou sinto nos cheiros  
da estação um sopro mais preciso  
de folhas molhadas, de chuva, então,  
alusiva, a minha indizível vida  
a mim se desenharia, num instante...  
E eu não saberia suporta-la... Mas um dia,  
ah, um dia, uivarei à essa visão,  
será um uivo a revelação...

Sarebbe così facile svelare  
questa luce o quest'ombra... Una parola :  
e l'esistenza che in me esiste sola  
sotto le voci che ogni uomo inventa  
per avvicinarsi a verità  
fuggenti, sarebbe espressa, infine.  
Ma questa parola non esiste.  
Se tuttavia ascolto nel rumore  
che sale dal rione, un suono un poco  
più terso — o aspiro nell'odore  
della stagione un più preciso alito  
di foglie fradice, di pioggia, allora,  
allusa, l'indicibile mia vita  
mi si disegna, per un solo instante...  
E non so sopportarla... Ma un giorno,  
ah un giorno, urlerò, a quella vista,  
sarà un urlo la rivelazione...

## 9- Quatro fragmentos (1944)

I

Talvez a lua. Talvez fora das vozes  
dos meninos que em fila vão à Igreja.  
Mas a noite é mais triste, e eu não ouço  
ninguém senão eles na sala vazia.  
Eles, e o fim dos meus anos, e o tempo,  
e a primavera que verga toda em flores,  
e me deixa com um rosto de menino  
por estes campos e estas noites novas.

II

(O ANO)

Não se passa uma estação ou um ano  
mas um sopro e me encontro nesta noite  
e no infinito lume que transborda  
sobre as casas, sobre as hortas, sobre as estradas.  
Eu me encontro perdido nessa sala  
com rosto de menino, e de rapaz,  
e agora de homem, mas o engano persiste  
com os seus coros e a lua silenciosa.

III

(O SONHO)

Nasce a manhã. E quando já outras estrelas  
brilharão cansadas em meio aos vegetais,  
eu estarei bem longe! Ah! Não sobrá  
de mim senão um cego e triste sono,  
uma vida remota, um ter estado,  
um ter rido e chorado, um corpo vão,  
agora perdidos igualmente na lembrança  
que um silêncio de séculos é um *nonada*.

Todos os meus gestos, nesta cansada aurora  
de uma lua cadente, qual um sonho.

IV

(TARDE)

Depois ela retorna, talvez para sempre, a sombra  
pois não sei o que acontece lá no céu:

uma sombra triste, antiga, como que morta...

Permaneço de novo sozinho, e no silêncio  
reconheço o meu corpo e a grama firme.

## Quattro frammenti

I

Forse la luna. Forse fuori voci  
di ragazzi che a file vanno in Chiesa.  
Ma la sera è più triste, ed io non odo  
null'altro ch'essa nella stanza vuota.  
Essa, e la fine dei miei anni, e il tempo  
di primavera che scende tutto in fiore,  
e mi lascia con volto di ragazzo  
tra questi campi e queste sere nuove.

II

(L'ANNO)

Non è passata una stagione o un anno  
ma un soffio e mi ritrovo a questa sera  
e all'infinito lume che trabocca  
sulle case, sugli orti, sulle strade.  
Mi ritrovo perduto in questa stanza  
col volto di fanciullo, e giovanetto,  
ed ora uomo, ma l'inganno resta  
con quei cori e la luna silenziosa.

III

(IL SOGNO)

Nasce il mattino. E quando già altre stelle  
scintilleranno stanche in mezzo agli orti,  
io sarò ben lontano ! Oh ! Di me altro  
non resterà che un cieco e mesto sonno,  
una vita remota, un esser stato,  
un aver riso e pianto, un corpo vano,  
ormai così sperduti nel ricordo  
che un silenzio di secoli è un nonnulla.

Ogni mio gesto in questo stanco albore  
d'una luna che cade, parrà sogno.

IV

(MERIGGIO)

Ma poi torna per sempre, forse, l'ombra  
per non so che vicende su nel cielo :  
un'ombra mesta, antica, come morta...  
Resto di nuovo solo, e nel silenzio  
riconosco il mio corpo e l'erba ferma.